

## **Anistiado político: JARBAS SILVA MARQUES**

**Data de nascimento: 04/09/1943**

Meu nome é Jarbas Silva Marques, nasci no dia 04 de setembro de 1943 em Monte Carmelo, Minas Gerais, uma cidade que fica no Triângulo Mineiro. Meu pai é goiano, teve problemas políticos em Goiás e mudou-se para Minas Gerais. Lá, casou-se com a minha mãe, Maria Ramos da Silva.

Na região do Triângulo Mineiro só havia dois colégios: Regina Pacis, em Araguari; e o Diocesano, em Uberaba. Eram dois colégios internos e só as pessoas de maior expressão econômica, latifundiários, podiam mandar seus filhos. Goiânia, que é a segunda cidade planejada da República, era a cidade que tinha escola pública. Praticamente toda aquela região do Triângulo Mineiro migrou para Goiás em busca de escolas públicas.

Em 1949 meu pai, depois da venda de uma casa e de seu salão de barbearia em Monte Carmelo, se muda para o bairro de Campinas; depois fomos morar na Vila Operária. Nós fomos os primeiros moradores da Vila Operária. A partir de 1949 o ex-deputado constituinte Francisco de Brito, que foi com quem meu pai foi uma espécie de aprendiz de guarda livros na empresa dele em Goiatuba, passa a visitar nossa casa. Ele e a avó Antonieta, sua esposa - nós, os filhos de Antenor Silva Marques e Maria Ramos da Silva, éramos considerados como netos dele. O Dr. Chico de Brito era um grande intelectual goiano. Um fato incrível era que seus três filhos homens - Aroldo, Renato e Elbis de Brito - vão ser membros do Partido Comunista.

Meu pai torna-se compadre do médico Francisco Pelomia de Souza e da Glória Pelomia de Souza, que era filha do Cunha - um velho militante do Partido Comunista em Goiás. Vários irmãos da Glória Pelomia passam a ser militantes do Partido Comunista em Goiás: a Geralda, o Walteno Cunha Barbosa. Desde os sete anos, a partir de 1950, eu tomava conhecimento porque a Glória Pelomia e os ativistas do partido frequentavam a casa do meu pai. Eu sabia da campanha contra a bomba atômica, da campanha contra a fome e da campanha pela paz. Então, desde os sete anos eu tinha uma vivência com pessoas que eram ativistas políticos. Nós éramos os primeiros moradores da Vila Operária, e minha mãe que estudou em colégio de freiras francesas - ela iria ser freira, mas meu pai que era um grande músico seresteiro acabou casando e a tirando do encaminhamento religioso - tinha um acultamento; ela havia sido preparada em um colégio de preparação de elite e tinha uma média cultural acima da média da época. Nós, os primeiros moradores da Vila Operária, pelo poder aquisitivo, éramos os únicos a possuir um rádio. Minha mãe sabia aplicar injeção e o compadre dela, Francisco Pelomia, que era um dos maiores pediatras de Goiás, fundador da Faculdade de Medicina, professor e fundador da Faculdade de Odontologia, era um homem multifacetado, polivalente. Eles usavam minha mãe como ativista política, davam amostras grátis de remédio. À noite minha mãe colocava o rádio na janela e praticamente toda a vizinhança vinha ouvir as novelas da Rádio Nacional: o Albertinho Limonta, o Direito de Nascer. Por esse serviço social, ela tinha a confiança; e eles achavam que deviam ser dadas a ela as condições de ser uma líder comunitária.

Em uma invasão o que marcava a posse dos posseiros era furar uma cisterna. A razia administrativa do governo Pedro Ludovico se fazia através de um jagunço muito conhecido, famoso Luizão, queimador de barracos, espancador; e como todas as pessoas arbitrárias são levadas à corrupção, ele e seus asseclas roubavam máquinas de costura, que era a maior riqueza das mulheres na estruturação de uma família proletária ou semiproletária. Não existia ainda no Brasil uma classe média, e as roupas eram todas feitas por pequenos artesãos de alfaiataria, costureiros e costureiras.

A primeira vez que tive um contato direto, que me sensibilizei socialmente foi assim: meu pai foi gerente em um matadouro municipal, ou seja, ele controlava a matança de bovinos e suínos. Saíamos eu, meu irmão e minha irmã mais velha do matadouro municipal e íamos para a Escola Patriarca. No caminho, mais ou menos na Praça Joaquim Lúcio, no centro de Campinas, os estudantes haviam construído no centro de Goiânia e aqui em Campinas, uma torre de madeira, com mais ou menos uns três metros de altura, simbolizando uma torre de perfuração de petróleo. Foi a primeira vez que vi polícia batendo em mulher. Eram universitárias e mulheres da classe média. As mulheres naquela época, por imposição da igreja, usavam vestidos longos. Mulher não entrava na igreja com vestido no joelho ou acima, tinha que ser um palmo abaixo do joelho. Predominava nas roupas as confecções inglesas e francesas, o chamado “tailleur”. Vi uma mulher ser espancada - o material de repressão vinha dos Estados Unidos, eram uns cassetetes de plástico - ela estava com a roupa toda rasgada pelo espancamento. Foi a primeira vez que eu vi a máquina repressiva ser usada contra a população. Eram jovens lutando pela campanha do petróleo e pela criação da Petrobrás.

Esse contato, esse privilégio tive com Francisco de Brito. Aprendi a ler muito cedo, meu pai era mudancista, e Francisco de Brito conversava como deputado constituinte. A presença dos comunistas e dos democratas na Assembléia Constituinte de Goiás foi uma presença muito participativa. Um estado de bases econômicas agrárias fez a Constituição mais progressista das Constituições estaduais do Brasil. Basta ver que na Constituição de 1946 do Estado de Goiás é contemplado um artigo sobre o arrendo. Então, em uma relação que predominava quase o servilismo, uma escravidão branca, a Constituição de Goiás contemplava a Lei do Arrendo. Além disso, os goianos colocaram a luta pela mudança da capital federal, e na Constituinte de Goiás o vô Chico de Brito falava disso para mim. Eles colocaram 52.000 km à disposição do Governo federal para que se fizesse o Distrito Federal.

## **PANORAMA SÓCIO-CULTURAL DE GOIÁS**

É preciso que se saibam os antecedentes sociais e culturais do estado de Goiás para saber o porquê que em 1964 o estado foi um dos que mais sofreu a ação repressiva. Basta ver que foi o único estado que sofreu intervenção federal dos golpistas em 1964. Para que se tenha uma ideia disso, em 1954 é realizado um Congresso Internacional de Literatura em Goiânia, e há um episódio gozado nesse congresso. Vem para Goiânia Pablo Neruda, Jorge Amado e toda intelectualidade da época. Pablo Neruda ficou hospedado no Marmo Hotel, na Avenida Anhanguera. Apresentaram a ele nossa aguardente de cana de Goiás. Neruda, que ia fazer uma palestra, tomou muitas lambadas da pinga goiana e adormeceu. Ele não chegou no horário para a palestra, foram buscá-lo e ele estava dormindo. Quem me contou esse episódio foi Sebastião Barros de Abreu, na época jornalista, e Maria Aparecida sua esposa, que era secretária do Congresso Internacional de Literatura realizado em Goiás.

Os goianos têm uma participação massiva do ponto de vista da participação da intelectualidade. Bernardo Élis já havia escrito “Ermos Gerais”, estava preparando “O Tronco” que é um episódio, eu diria épico, que a literatura brasileira e os movimentos sociais precisavam tomar conhecimento. Quem deu a ele as bases para que ele escrevesse o livro “O Tronco” foi minha avó Antonieta, esposa do deputado constituinte Francisco de Brito. Eu tive o privilégio de ouvir essas histórias e conhecer Eli Brasiliense, conhecer outras figuras fulgurantes da intelectualidade goiana, que é chamada a Geração de 45. Quanto à geração que fez a Semana de Arte Moderna, em Goiás os intelectuais caminhavam juntos na mobilidade social e na mobilidade política. Então as figuras mais expressivas da intelectualidade de Goiânia e do estado de Goiás eram também ativistas políticos. Esse ativismo político pode ser demonstrado na história brasileira através da luta pela mudança da Capital Federal, e essa participação dos goianos é a mais importante. Basta ver que a partir de 1945 o tenente-coronel Humberto de Alencar Castelo Branco é cooptado por Vernon Walters - um organizador de golpes de estado que fez mais de vinte golpes de estado pelo mundo e tem sob suas costas mais de dois milhões e quinhentos mil cadáveres e faz cooptação ideológica para o interesse dos Estados Unidos, e vem para o Brasil com a tarefa de constituir a Escola Superior de Guerra para preparar uma elite civil e militar para defender os interesses dos Estados Unidos, eles passam a estruturar o golpismo em várias tentativas: no manifesto dos coronéis, na década de 50; no episódio que é configurado como uma grande trapaça política de Carlos Lacerda, chamada “carta brandi”. Azeredo da Silveira que depois participará do sequestro do Coronel Jefferson Cardin, em 1970, a mando de Ernesto Geisel, rouba os códigos criptográficos do Itamaraty e dá a Carlos Lacerda para forjar as cartas brandi que obrigaram Getúlio Vargas a demitir João Goulart do Ministério do Trabalho.

O primeiro comício da campanha de Juscelino se dá em Goiás, no dia 4 de abril de 1955, em Jataí. Um comício em que Antônio Soares Neto o questiona se ele iria cumprir a Constituição. Ele diz que sim, e faz o compromisso de mudar a capital.

Nós goianos, a partir de 1955, temos uma estruturação de grandes oradores a partir do movimento estudantil. Em uma época de plena liberdade no governo de Juscelino Kubitschek se estruturam várias frentes nacionalistas. Goiás era um estado de uma geração fulgurante. Nós tínhamos grandes oradores estudantis. Havia torneios de oratória nos grêmios estudantis, torneios colegiais, torneios intermunicipais, torneios estaduais, realizávamos seminários. Recitávamos Castro Alves, Augusto dos Anjos, líamos Gondim da Fonseca, participávamos da campanha pelo petróleo, da campanha pela criação da Petrobrás. Nessa progressão nacionalista fomos nos envolvendo em um comprometimento ideológico, já que o outro lado, alinhado aos interesses dos Estados Unidos, já preparava várias ações golpistas. Nós da juventude goiana participamos de toda essa luta e com uma herança dos ativistas de Goiás.

Na década de 40 quando se dá a chamada Marcha para o Oeste. Em 1965 eu entrevistei Plínio Salgado, que era o chefe da corrente nazifascista do Partido Integralista. Ele me disse que na década de 40 os integralistas descobriram que o movimento sionista arrumou 10 milhões de libras esterlinas para comprar terras ao norte da Argentina e fazer o estado judeu, e a segunda opção seria a Uganda.

Goiás era um estado palpitante, e Getúlio Vargas nessa marcha para o oeste cria cinco colônias agrícolas; a única que vingou foi a colônia agrícola de Ceres, criada por Bernardo Sayão. Bem perto da colônia agrícola de Ceres, na chamada região cafeeira, era a Escola de Quadros do Partido Comunista do Brasil, porque só no alinhamento da Guerra Fria, em 1948,

é que vão cassar o mandato dos senadores e deputados que tinham sido ‘deseleitos’ na Constituinte de 1946. A Escola de Quadros do Partido na região da cafeeira, perto de Ceres, é quando Sebastião Bailão com Geraldo Campos e Geraldão criam a UTABE, a primeira organização de organização de camponeses do Brasil. Essa UTABE é que será a geratriz da CONTAG – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura. É um fato digno de nota porque Geraldo Campos, que havia feito um curso no Comiterme em Moscou, é destacado pelo Partido Comunista para vir ativar na região da cafeeira. É quando ele e o padre Estevão, que fazia casamentos, batizados, os sacramentos da igreja católica na região da cafeeira, fazem um mimeógrafo de bambu e imprimem no mato um jornal chamado “Ranca Toco”. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existem exemplares desse jornal.

Esse Padre Estevão é nada mais, nada menos que Gregório Bezerra. Por aí dá para se ver a pujança do ativismo de Goiás, um estado que concentrou toda corrente migratória vinda do Nordeste. Daí a característica de Goiás ser um estado emulador de movimentos sociais no campo, e na juventude com o movimento estudantil.

A riqueza de Goiás se dá por dois fatos: a colônia agrícola de Ceres - na época o Banco do Brasil não financiava os camponeses, os agricultores - e a corrente sírio-libanesa erradicada em Anápolis. Essa corrente sírio-libanesa faz aos camponeses o chamado empréstimo na folha; ou seja, eles financiavam a produção agrícola. Esse fato tem que ser trazido à luz porque os fundadores do Partido Comunista de Goiás foram durante trinta anos os árabes, os sírio-libaneses que haviam fugido da opressão do império Otomano dos turcos e foram para o Triângulo Mineiro. Eles são os formadores do Partido Comunista em Goiás e no Triângulo Mineiro, a chamada “Estrada de Ferro”. Os chamados mascates podiam transportar veículos de propaganda em suas malas e eles constituíram o ativismo político na chamada “Estrada de Ferro”, Catalão, Goiandira, Ouvidor. São os árabes, os Aiubs, os fundadores do Partido Comunista em Goiás, que vieram do Triângulo Mineiro.

Depois da repressão, a chamada intentona, em 1935, o estado de Goiás passa a ser o grande aparelho na linguagem da esquerda a dar outras identidades e sobrevivência, e a constituição de família e de outras atividades a vários militantes que escaparam da repressão a essa mobilização da Aliança Nacional Libertadora que lutava contra a corrente nazifascista. Basta ver que durante trinta anos o secretário geral do partido era filho dessa colônia árabe.

Os sírio-libaneses tinham uma forma de inserção social. Eles tinham a preocupação de que cada filho de uma família sírio-libanesa estudasse medicina porque, ainda sem a presença de uma atividade fabril, uma das formas de inserção social era a medicina. O médico era importante como senhor da vida e da morte. Grande parte dos médicos, e eu cito apenas em Goiás o Dr. Jonas Aiub Farjala Sebba, que foi médico dos ex-alunos da Escola Técnica, e a presença dos ativistas sociais já nas suas atividades profissionais como bons médicos. Havia um axioma na época que dizia que o comunista tinha que ser o melhor em tudo que ele fizesse. Eles como profissionais de medicina eram médicos respeitadíssimos, com uma presença social muito grande. Basta ver que o pediatra Francisco Pelomia de Souza atendia seus clientes em domicílio; ia de bicicleta aplicar injeções na alta calada da noite, por isso era respeitado como ativista político e como profissional.

Aqui, pelo menos para nós, não funcionava a história de que comunistas eram comedores de criancinhas. Eram grandes intelectuais, eram pessoas com inserção social muito grande, e isso foi o que deu a minha geração a oportunidade de ter uma vida cultural intensa. Nós nos

reuníamos em tertúlias literárias a declamar Castro Alves, os poetas revolucionários, a fazer menção a Euclides da Cunha. Todos nós, na ponta da língua, sabíamos que o camponês, o canadense, o nordestino, antes de tudo é um forte.

## **OS MOVIMENTOS SOCIAIS EM GOIÁS**

A juventude comunista, a chamada “JC”, dá a Goiás várias representações internacionais. Eu me lembro que eu era menino e Aroldo de Brito foi como um intelectual, como um poeta, representando a juventude comunista de Goiás, do Brasil, em um congresso da juventude na Europa. Aroldo de Brito reprisando o que eu disse, era irmão de Elbio de Brito e de Renato, filho de Chico de Brito, que era meu avô afetivo e que depois vem a ser meu dirigente no Partido Comunista do Brasil a partir de 1961.

Eu entro no partido, na juventude comunista, em 1959 através do movimento estudantil. Juntamente com James Allen, Élio Cabral de Souza, Luiz Antero e Tarzan de Castro, éramos a ponta de um movimento dominado com hegemonia pelos goianos, o movimento estudantil brasileiro. Basta ver que a primeira ação terrorista do movimento anticomunista se deu no Hotel Quitandinha, na eleição do goiano Aldo Arantes para presidente da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro. Durante cinco anos nós goianos mantivemos a hegemonia do movimento estudantil, que só veio acabar em 1964 quando Olímpio Gonçalves Mendes, filho de Formosa, era o presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundários. Isso mostra a presença de nós goianos nos movimentos sociais.

O mérito desse movimento social se dá porque em Goiás, hoje, por exemplo, na primeira década do século XXI, o estado vive uma pujança mesmo com a crise do capitalismo na Europa, e dos reflexos no Brasil. O estado de Goiás hoje é um dos poucos estados da federação que dá trabalho. Isso porque Goiás tinha e ainda tem muita água, tem vários microclimas e a produção era e é abundante. Goiás é hoje o segundo rebanho do Brasil, e o Brasil é o maior fornecedor de carne bovina do mundo. Isso nos mostra as contradições. Como não existia manufatura, não existia classe operária, os extremos se davam; era a extrema direita e a extrema esquerda. Basta ver que na década de 70 a União Democrática Radical – UDR é fundada em Goiás, o movimento dos latifundiários, o movimento da ação política e armada. Nós enfrentamos em Goiás esse aspecto de radicalismo por parte dos latifundiários. Houve sempre uma grande violência no campo em que o Estado era utilizado para massacrar camponeses. O fato mais meritório na história da América Latina, é que o primeiro estado onde se elege um camponês legítimo é o estado de Goiás. José Porfírio, que é eleito, é o líder da resistência dos posseiros em Trombas e Formoso, que concuminava com a guerrilha. Ele reagiu porque depois de dominar a terra, de vencer a terra, os posseiros... Em Goiás se dizia que se fôssemos ver nos cartórios, Goiás teria três andares porque a grilagem de terra se dava com a conivência da Justiça e do poder.

Eu tive o privilégio de ser escalado pelo Partido Comunista Brasileiro para fazer a segurança física de José Porfírio quando ele foi candidato a deputado estadual. Escrevi discursos e fui testemunha de sua honradez política e de sua honradez como militante. Ele, quando se elegeu deputado, morava em uma pensão na beirada do córrego Botafogo. Vestia roupas simplórias, era obrigado a chegar na Assembleia Legislativa de Goiás de terno e gravata; ele usava o que chamávamos na gíria de caneta Parker: paletó de uma cor, calça de outra e uma gravata ridícula.

Conheci Geraldão e a Geralda, que era irmã do Bailão, casada com Geraldão. As ativistas, as mulheres foram muito aguerridas. Tive o privilégio de conhecê-los e fui adotado por eles como uma mascote da juventude comunista.

O estado de Goiás tinha uma elite estudantil, elite não do ponto de vista como se tem na estrutura vernacular, mas em função dos companheiros aguerridos. Todos nós sabíamos discursar, organizar, e tínhamos uma coragem cívica para cometer ações políticas. Na história dos movimentos sociais, nós sofremos influência da Revolução Cubana e vários de nós, no desvio moncadista, achávamos no nosso romantismo revolucionário que se tivéssemos meia dúzia de espingardas e um morro poderíamos fazer guerrilha. Minha geração participou de todas as tentativas de insurreições. Dos sobreviventes, não chegamos a mais que dez. Sobreviventes esses que mantiveram a coerência, a dignidade e o ativismo político nas condições em que a história nos coloca. Até 1964 tínhamos uma convivência de organização. O estado de Goiás, tanto do ponto de vista da repressão política, quanto do ponto de vista das organizações políticas revolucionárias, era um estado em que várias direções de organizações se transferiram para cá. Basta ver a Política Operária, que era uma distensão do Partido Comunista em Minas Gerais, seus dirigentes vieram para Goiás. Basta citar Evelyne Pape Singer, que na época era mulher de Paulo Singer; Piragibe de Castro Alves, Juarez Guimarães de Brito, que morreu no Rio de Janeiro; sua esposa, e Guido, que foi militante político com a atual presidente da República Dilma Rousseff em Belo Horizonte. Guido sofreu torturas imensas e conservou sua dignidade até morrer. Morreu com lesões cardíacas em função das torturas que sofreu na OBAN, nas mãos do coronel Carlos Brilhante Ustra, um assassino de ativistas políticos.

Nessa miragem que preparávamos uma revolução, os movimentos sociais cresceram. O povo estava lutando por reformismo, por reforma agrária, reforma urbana, reforma do ensino, mas não havia uma preparação de tomada do Estado. Nós vivíamos uma ebulição política, e a luta política se dava na politização e no crescimento dessas organizações. Nesse crescer dos movimentos sociais em Goiás, se estrutura em 1963, por ocasião do congresso de camponeses que foi realizado no Instituto de Educação, em Goiânia, na Vila Nova, a Frente de Esquerda Revolucionária, englobando o nascente PCdoB depois do racha. A Frente de Esquerda Revolucionária tinha também em sua composição a Quarta Nacional Antiposadista e a Esquerda Independente na qual participava James Allen, Tarzan de Castro, Élio Cabral e todos aqueles companheiros que acompanhavam a sua liderança.

Fomos apanhados porque havia um baluartismo por parte do Partido Comunista Brasileiro. Prestes chegou a ponto de dizer que já estava no governo, faltava estar no poder. Quando se alertava sobre uma conspiração de extrema direita que apontou a partir de 1961 um meio golpe de Estado, negociado por Tancredo Neves em Minas Gerais, em Goiás e no Rio Grande do Sul através da liderança de Leonel Brizola, constituímos os batalhões patrióticos. Esses batalhões eram um batalhão feminino e outro masculino para resistir à tentativa de golpe e garantir a posse do presidente João Belchior Marques Goulart.

Em 1964, quando se aplica o golpe de Estado, grande parte dessas lideranças que foram crescendo a partir da década de 50, essa liderança estudantil, essa liderança camponesa... Para que se tenha a valoração das mulheres, em 1963, Goiás mandou uma delegação para o Congresso Internacional de Mulheres que se realizou em Moscou. Hoje, por exemplo, politicamente há uma frente de luta com relação ao restante dos resíduos da escravaria; mas se deve a uma comunista goiana, a etnóloga Meire Baiochi, que era da juventude comunista e foi

quem descobriu os calungas, que passaram a figurar na sociologia brasileira e agora nas ações políticas, os quilombolas. Isso dá uma palha ideia da importância dos movimentos sociais da esquerda democrática e do movimento comunista do estado de Goiás.

Temos que ver a presença dos intelectuais comunistas. Bernardo Élis é o único goiano eleito na Academia Brasileira de Letras até hoje; e em sua geração tinha Carmo Bernardes, Eli Brasiliense, vários jornalistas e várias figuras que dão dignidade. Basta ver que um dos estruturadores do Partido Socialista é um dos líderes políticos a partir da Revolução de 30, que é Domingo Velasco, que chegou a senador da República.

Apesar de ter nascido em Minas Gerais, me considero goiano. Aqui participei dessas atividades que me levaram a ser, no dia 19 de abril de 1964, o primeiro jornalista a ser preso em Goiás. Eu tributo a essa agitação cultural, a essa política da minha geração que recebeu os aspectos bem fazeres da geração de 45, e de todas as mobilizações a partir da década de 30, quando se instala no Triângulo Mineiro a Colônia Sírio-Libanesa que fugiu da ditadura do Império Otomano no Líbano, na Síria, onde o imperialismo colonialista e neocolonialista fizeram as ficções da Arábia Saudita, da Síria e do Líbano. Fugindo da opressão do Império Otomano, esses socialistas vieram para o Triângulo Mineiro e do Triângulo Mineiro fixaram suas raízes sociais que geraram a formação e o domínio dos ativistas do Partido Comunista Brasileiro no estado de Goiás.

## **MOVIMENTO ESTUDANTIL**

Para rememorar a pujança desse movimento estudantil, temos que buscar a origem, que já mencionei anteriormente quando falei sobre o movimento nacionalista. Nosso crescente comprometimento social se dá a partir da metade da década de 50. Na Escola Técnica, onde o Cadinho era uma das lideranças e dos oradores mais expressivos, Aldo Azevedo Soares, Elcio Ribeiro Borges, Tarzan de Castro, James Allen, e várias lideranças. A UEG – União dos Estudantes Goianos era ocupada... Assim como estávamos virando nacionalistas e comunistas, a entidade estudantil era de extrema direita, com alguns membros da UEG virando torturadores como Ibrahim Chediak; Zé Bezerra, que virou torturador e assassino depois de 1964. Então, foi feito um congresso em Catalão para estruturar um movimento contra essa entidade que era empolgada pelos elementos de liderança de extrema direita.

Nesse congresso em Catalão se constitui uma sigla, Frente Legalista dos Estudantes Goianos - FLEG. Seus líderes eram Aldo Azevedo Soares, Tarzan de Castro, James Allen. Marcamos um comício para o dia 05 de março, na Praça dos Bandeirantes, com vistas à legalização da FLEG. A polícia que decidia, foi o massacre do 05 de março. Antes em Goiânia só havia a chamada “viuvinha”, era uma viatura Chevrolet feita nos Estados Unidos para transportar presos, não existia radiopatrulha. Nesse dia inauguraram as radiopatrulhas e o Corpo de Bombeiros. Eu me lembro que eu estava nessa passeata e uma senhora estava passando ao meu lado na Praça dos Bandeirantes, onde havia uma agência de turismo que depois veio a ser uma loja do Bradesco, quando um dos bombeiros tirou seu cinturão de fivelas e “desceu” o cinturão na cabeça da senhora, ela arreia toda banhada de sangue.

Eles mataram muita gente. Eu dei uma tijolada em um soldado. Minha mãe estava no Hospital Santa Luiza, na Paranaíba, que era do Dr. Eduardo Jacobs, para dar à luz ao meu irmão caçula. Chegaram várias pessoas baleadas lá, mas na hora que eu estava no hospital o médico na portaria disse que eles não tinham o que fazer e que aquilo era coisa da polícia, porque

aqueles já estavam mortos. O governo, aparentemente, assume que morreu apenas uma vítima baleada, mas só no hospital Santa Luíza eu vi três chegarem baleados. Foi um massacre covarde. Era uma reunião política sem nenhum objetivo de vandalismo, de agressividade. Nos dois dias seguintes a população estudantil e a população social, os habitantes, se reuniram em grandes manifestações de protesto contra o Governo. A concentração se deu na Praça dos Bandeirantes. Vieram da Avenida Anhanguera, de Campinas; o Setor Ferroviário e o Setor Sul ainda tinham poucos moradores, mas vieram da Vila Nova, do Botafogo. Acredito que, pela minha estimativa visual, tinham mais ou menos umas dez mil pessoas caminhando em direção ao Palácio das Esmeraldas. Previa-se que haveria outro choque sangrento porque o secretário de Segurança Pública, que havia promovido o massacre de 05 de março, havia mandado artilhar uma metralhadora em cima do Palácio das Esmeraldas. O encadeamento dos movimentos sociais, da passeata era em direção ao Palácio das Esmeraldas. Só não houve um segundo banho de sangue porque na época, em mandato tampão, era governador de Goiás José Feliciano Ferreira, que era de Jataí. José Feliciano Ferreira desceu do palácio e desautorizou o secretário de Segurança Pública e seu aparato repressivo. Ficaram os protestos com vários oradores, porque, em 1953, já tinha havido outro massacre de ordem política.

Havia em Goiânia um jornal chamado “Movimento,” que era da UDN. Esse jornal tinha o que veio a ser qualificado na imprensa brasileira de “jornalismo marrom”, que se espalhava na “Tribuna da Imprensa” de Carlos Lacerda. Era um jornalismo agressivo, que procurava destruir as pessoas. Nesse fato acontecido na década de 50 (Na época represa do Jaó tinha ruído e Goiânia ficou sem luz, compraram então dois motores de submarino. Colocaram um motor em Campinas, próximo à cadeia pública, e o outro aqui em Goiânia. Havia racionamento elétrico, cada dia em um bairro.) o chefe da Força e Luz, Pedro Arantes, estava com dor de dente e marcou uma consulta com seu dentista. Chegando lá viu que o dentista estava na área que teria racionamento elétrico. Ele, então, deu ordem para a companhia de luz modificar o padrão de racionamento e ligar a energia onde ficava o consultório para que ele fosse atendido. Numa época em que predominava o machismo, se alguém estivesse caminhando em uma rua que não tinha iluminação pública (só tinha iluminação na Avenida Goiás) com alguma lanterna e iluminasse o rosto da pessoa que vinha em sentido contrário, a pessoa que tinha o rosto iluminado tinha aquilo como ofensa, como se estivesse sendo chamado de ladrão. Pedro Arantes mandou transferir a corrente elétrica para dar energia ao consultório do seu dentista, e Haroldo Gurgel, no outro dia, coloca no jornal uma manchete “Pedro Arantes deu a luz”, foi a gota d’água. Ele contrata três jagunços - o neném calango e mais dois - e quando Haroldo Gurgel, juntamente com os irmãos Vaz, sai da redação do jornal e passa onde hoje funciona o Banco Itaú, na Praça dos Bandeirantes, era um lote vazio, os jagunços do Pedro Arantes baleia e matam Haroldo Gurgel e ferem os irmãos Vaz, que não morreram. É quando uma pessoa escreve na parede do hotel, que confronta com o hoje prédio do Banco Itaú, a seguinte frase: “Aqui tombou um bravo pela liderança de imprensa”.

A população revoltada subiu para invadir em direção ao Palácio das Esmeraldas, e como na década de 50, em 05 de março também colocaram uma metralhadora na cobertura do palácio. Pedro Ludovico enfrentou, na linguagem repressiva, a turba; ou seja, os manifestantes que levavam o cadáver do Haroldo Gurgel para colocar no palácio.

O massacre de 05 de março foi a máquina repressiva inaugurando as viaturas da radiopatrulha e do Corpo de Bombeiros em cima de nós estudantes que criávamos a Frente Legalista dos Estudantes Goianos. Com esse massacre e sua expressão, em julho foi constituída em Formosa a assembleia constituinte para a criação da União Goiana dos Estudantes



Secundaristas – UGES. UGES que é a trincheira de luta em Goiás e foi a ponta de lança da hegemonia dos goianos no movimento estudantil secundarista brasileiro. Mantivemos isso até 1964 com o golpe civil e militar.

## O GOLPE

A partir do golpe civil e militar de 1964, se instaura em Goiás o terror. Esse terror se dá de várias formas: terror político, terror físico e a conjuminância das organizações de direita. O estado de Goiás já tinha organizações de extrema direita. No campo quem liderava na distribuição de dinheiro e de armas era Bebé Borges, tio do governador Mauro Borges, e João Bosco Lousa. No movimento estudantil era capitaneado por Henrique Meirelles e seu pai Hegesipo Meirelles. Tanto que quando o golpe se consuma a festa de comemoração se dá na casa de Hegesipo. Eles tinham por objetivo, a UDN que não conseguia se eleger por votos, derrubar Mauro Borges.

Fui preso no dia 19 de abril de 1964 quando fui apanhar meus documentos no Colégio Lyceu de Goiânia. O diretor do Lyceu era um agente policial e marcou o dia e a hora para que eu fosse buscá-los. Quando cheguei lá, a equipe do investigador João Rosa da Interpol, com mais ou menos uns vinte policiais civis, me prendeu. Fui preso e levado para a antiga penitenciária. Fiquei em um local chamado “cantão”. Esse cantão era o local onde todos os presos da razia policial naquela noite ficavam. Na manhã seguinte fui levado para o gabinete do secretário de Segurança Pública, Rivadávia Xavier Nunes. O interrogatório de Rivadávia era para saber quem dava as informações para nós do jornal Cinco de Março. O jornal na época era sediado na Rua 55 com a Avenida Goiás. Falei que as informações eram colocadas debaixo da porta. Foi quando me botaram uma pistola na nuca dizendo: “fala seu comunista”. Não vi quem havia colocado a pistola em minha nuca, e quando estava voltando para a cela pergunto ao policial quem era. Ele respondeu dizendo que havia sido o Dr. Joviro Rocha, que era o chefe de gabinete de Rivadávia Xavier Nunes.

Quando saí da prisão, em 1977, dei uma entrevista ao jornal Opção e contei esse episódio. Joviro Rocha disse que eu estava enganado, mas depois eu provei, pois Joviro Rocha, como promotor público, era testemunha na legitimação dos IPMs (Inquéritos Policiais Militares) extraídos nas torturas; IPMs que os militares faziam em Goiás depois de prender e torturar as pessoas. Então, o primeiro fato foi Joviro Rocha colocar a pistola em minha nuca, em um tipo de tortura, na frente do secretário de Segurança Rivadávia Xavier Nunes. Começaram as torturas que foram feitas no 10º BC, nomenclatura do quartel na época - 10º Batalhão de Caçadores. Essa nomenclatura teve origem na época da Guerra do Paraguai. Os primeiros soldados a partirem para o combate, as tropas de Solano Lopes que tinham invadido o Mato Grosso, saíram de Goiás, do 20º Batalhão de Caçadores. Ali foram torturados João Batista Rosa, Elbio de Brito, Paveogútico, James Allen, infundáveis nomes de estudantes, líderes estudantis e líderes sociais. Quem capitaneava as torturas eram o capitão Coutinho, sargento Thompson e tenente Fleury. Tenente Fleury era um assassino; participou do assassinato inclusive do Marco Antônio, que é o desaparecido mais jovem do país, com 15 anos de idade. As torturas feitas no 10º BC eram fuzilamentos, choques, afogamentos.

João Batista Rosa, hoje falecido, era um homem de extrema dignidade. Todo arrebitado na tortura foi com o Elbio e outros torturados aos cartórios de Goiânia e deram declarações dizendo que tinham sido torturados e nominaram os torturadores. Se pesquisarem nos cartórios terão essas declarações desses torturados.

O pior, a vó Antonieta - esposa de Chico de Brito, meu avô afetivo que foi deputado constituinte, pai de três comunistas: Elbio de Brito, Renato e Haroldo – me disse debaixo de choro que tenente Fleury havia torturado um parente, que era o filho dela, Elbio de Brito. Isso deve ser levado em conta; e as outras pessoas, e a invasão de Goiás pelas tropas do general Meira Matos, que caminharam até Ceres e, a caminho de Formoso, prenderam Zé Porfírio, torturaram o Geraldão e uma porção de pessoas. Não posso nominar muitos torturados porque eu tinha saído da prisão e, baseado naquele eufemismo de sabedoria popular, “o que não é visto, não é cobiçado”, eu já estava em Brasília na casa de meus pais. Meu pai como mudancista era chefe de transporte da Rádio Nacional na capital da República.

Depois, vim a ser preso novamente em 1967 com o João Batista Rosa. Minha mãe o ajudou em sua recuperação das torturas. Ele ficou completamente desestruturado pelas torturas que sofreu no 10º BC. Irapuã Costa Júnior, que era um delator e aspirava ser o diretor da Faculdade de Engenharia, disse que Marcelo Moraes, que esteve preso comigo, não no mesmo xadrez, mas na mesma época, em 1964, juntamente com o juiz de direito Dr. Sebastião, Francisco Pelomia, e Sabá. Os primeiros jornalistas a serem presos foram eu, Batista Custódio, Telmo de Faria e Jader Godinho. Foi presa também a socióloga Evelyne Pape Singer, que estava grávida de nove meses, e no dia da visita, por um rasgo de ousadia, saiu no meio da massa carcerária com uma barriga de nove meses, fugiu e se exilou no Chile. Matararam uma porção de companheiros, desestruturaram. Neso Natal foi barbaramente torturado. Maurício Zacariotti também foi torturado e depois conseguiu se exilar no Chile. Inúmeros companheiros que foram militantes junto comigo no movimento estudantil, desde a década de 50, sofreram razias. Eu era jornalista do jornal “Quarto Poder” da imprensa universitária e programador musical da Rádio Universitária. Fazíamos uma experiência no radiojornalismo brasileiro, que era copiado da Rádio Jornal do Brasil; eram três módulos musicais e um pequeno de notícias. Fui preso na condição de jornalista, e quase respondi a um IPM porque disseram que eu iria roubar o cristal da Rádio Universitária para fazer uma rádio de resistência à ditadura civil e militar de 1964.

Eu fui preso por ordem do aparato repressivo do Mauro Borges. Quando fui ser interrogado no CEPAIGO pelo major Libânio, houve uma coincidência muito grande. Esse major era especialista do Ponto Quatro. Ponto Quatro era o organismo para a preparação do golpe por parte dos Estados Unidos. A liderança civil do golpe, por exemplo, os sujeitos ligados aos grupos paramilitares de Anápolis eram o Anapolino de Faria, o Rivadávia Xavier Nunes, que era secretário de Segurança Pública do Mauro. Fui o primeiro jornalista a ser preso, fui interrogado pelo secretário de Segurança Pública e fui interrogado no IPM pelo major Libânio. Por parte do major Libânio não houve tortura física; veio com tortura psicológica, e eu o desmontei. Ele me perguntou de onde eu era e afirmou que eu era comunista. Disse a ele que era da juventude do PSD. Ele me questionou: “como da juventude do PSD?”. Disse então que era o mais novo orador da campanha do Mauro Borges, disse que havia trabalhado na equipe de três oradores: eu, Péricles José de Moura, que havia ganhado em 1959 o torneio nacional de oratória da União Brasileira dos Estudantes Secundários no Rio de Janeiro; e o poeta e jornalista Adory Otoniel da Cunha. Eu não havia morrido porque estava cansado e havia cedido minha vaga no avião; o avião caiu em Mambaí, morreram o Péricles, o Adory e o fazendeiro para quem eu havia dado meu lugar.

Mauro Borges, que já estava procurando fazer com que se esquecessem de sua atuação em 1961 na Rede da Legalidade junto com Leonel Brizola, demite Tarzan de Castro, Zacariotti,

João Bênio e o Hugo Brockes, que pertencia à assessoria do palácio. Todos aqueles que ajudaram a estruturar o governo “MB” – Mauro Borges, que eram sabidamente pessoas de vinculação a ideias socialistas libertárias e democráticas, sofreram uma repressão do governo do Mauro Borges para fazer média com os golpistas. Os golpistas eram golpistas sanguinários, usaram depoimentos do Ary Valadão, do Olímpio Jaime, dizendo que para derrubar o Mauro eles iriam assassinar o Eli Mesquita, que era vereador pela UDN em Goiânia, e colocar a culpa em Mauro Borges.

A primeira repressão não foi a repressão da ditadura, foi a repressão da máquina de Mauro Borges através de Jurandir Rodvalho, que era delegado do DOPS e recebia ordens para prender. A grande maioria das lideranças expressivas que vieram do movimento estudantil eram Tarzan de Castro, que era assessor do gabinete, assim como o chefe do Gabinete Civil, Ary Demóstenes, que era filho de uma família de comunistas em Goiás. O Governo Mauro Borges era um governo que se primava pela traição.

Eu me lembro que na noite de 31 de março de 1964... Quando o Partido Comunista Brasileiro entrava em crise, começava a perder todos seus quadros de base de direção para o Partido Comunista do Brasil – PCdoB, ele mandava Jacob Gorender para dar um cursinho de marxismo. Havia ordem do governo Mauro Borges para que se eu e James Allen aparecêssemos no Diretório, na antiga boate Lisita, onde funcionava o DCE da Universidade Federal, para tentarmos fazer agitação no curso de Marxismo de Jacob, era para nos prender. Nesse curso estava o chefe do Gabinete Militar de Mauro Borges. E depois, todos estavam esperando a definição do Mauro contra o golpe, quando chega à meia noite, e ele faz um discurso dizendo que era a favor do golpe.

Foi esse mesmo Mauro Borges quem mandou prender as lideranças que ajudaram a estruturar seu governo planejado, que foi um bom governo. Goiás até então não tinha tido um governo planejado. É o mesmo que para fazer média com os golpistas, bota armas dentro de sacos de arroz e manda três caminhões de balas e armas para Brasília para ajudar os golpistas. Os golpistas sabiam que Brasília era uma terra em que não se podia contar com o grupamento militar para apoiar a ditadura. Basta ver que a ocupação de Brasília foi feita pela Polícia Militar de Minas Gerais, ocupando colégios, escolas, o parlamento. Porque ela ocupou? Por que os conspiradores não tinham confiança nas guarnições militares, na classe operária, nos operários da construção civil que construíram Brasília? Em 1960, uma das poucas capitais que Marechal Lott ganhou de Jânio Quadros foi em Brasília. Os operários votaram em Marechal Lott pra presidente da República. Em 1964 mais de dez mil operários se reuniram no Teatro Nacional esperando que Darcy Ribeiro conseguisse do general Fico armas para distribuir para resistência ao golpe. Os golpistas ainda tinham a visão de que não poderiam contar com o grupamento militar da Marinha, do Exército e da Aeronáutica porque no dia 12 de setembro de 1963 houve a rebelião dos sargentos em Brasília.

Eu tenho profundo orgulho da militância que tive e da consciência social e cultural que adquiri no movimento estudantil e nas lutas sociais de Goiás. É um motivo de orgulho, e só me arrependo das coisas que não fiz corretamente por falta de maturidade política e de maturidade como um ser social. Tenho orgulho dos companheiros de Goiás. Acho que James Allen Luz é uma pessoa que deve ser recuperada pela história brasileira. Citarei um fato de quem era James Allen: A família de James, os irmãos Luz, foram os primeiros industriários de Goiás, em uma época que não havia fogão a gás. Eles eram quem faziam o forno, que faziam a serpentina. Fui nomeado diretor da Casa do Estudante, que era um projeto do ex-deputado

Cristovão do Espírito Santo, que funcionava no Lago das Rosas. No Lago das Rosas havia restaurante e a Casa do Estudante. A repressão fez questão de demolir o restaurante, demolir a casa que era a sede, que havia sido inaugurada na inauguração de Goiânia. Como fui nomeado diretor, James Allen faliu seus irmãos como industriários. Ele deu consciência social aos irmãos Luz, e para que a Casa do Estudante funcionasse pediu aos irmãos, Leon Diniz e seu outro irmão, para que comprassem cem camas, cem colchões, duzentos lençóis e fronhas, cem cobertores e cem travesseiros. Eu só pude dar guarida aos estudantes do interior, que não tinham lugar para morar, não tinham condições de pagar aluguel, graças a James Allen Luz.

Eu dizia a ele que ele era como Roberson Pierce, se deixasse sua cabeça em cima do pescoço, ele convenceria todo mundo. Basta dizer que quando ele, Tarzan e Gerson Parreira estavam no Forte de São João e foram levados como castigo para o Forte de Lajes, que é uma ilha que emerge na Bahia de Guanabara, James Allen politizou o cabo Arraes que era seu carcereiro, e o cabo foi quem alugou as canoas e deu fuga a eles. Eles fugiram a mar aberto, chegaram à Praia de Botafogo, pularam o muro da Embaixada Mexicana e se exilaram no México.

A Embaixada Mexicana era a única embaixada que tinha relações com Cuba. Deu asilo político a Gerson Parreira, Tarzan de Castro e a James Allen, mas o cabo Arraes, que deu a fuga, foi entregue ao Exército, e por isso o embaixador foi demitido pelo governo mexicano.

Eu antes falei do que foi a tomada de consciência. Primeiro dos valores nacionais, sejam eles culturais, poéticos, sociais, políticos e a história de luta do povo brasileiro; de falar sobre a luta contra a escravidão, a vergonha de o Brasil ser o último país da América do Sul a abolir a escravidão; as lutas populares, as revoltas havidas no Brasil. Para mim e para a minha geração pontei dois aspectos basilares: Nossa coerência, através de uma sentença histórica na voz e no estro poético de Castro Alves. A poesia de Castro Alves serve para qualquer escravizado no mundo. Ele dizia: quem foge à luta nem da morte é digno. E outro que povoou nossa vida cultural foi um pensador argentino, José Ingenieros que dizia: “Juventude sem espírito de rebeldia é servidão precoce”.